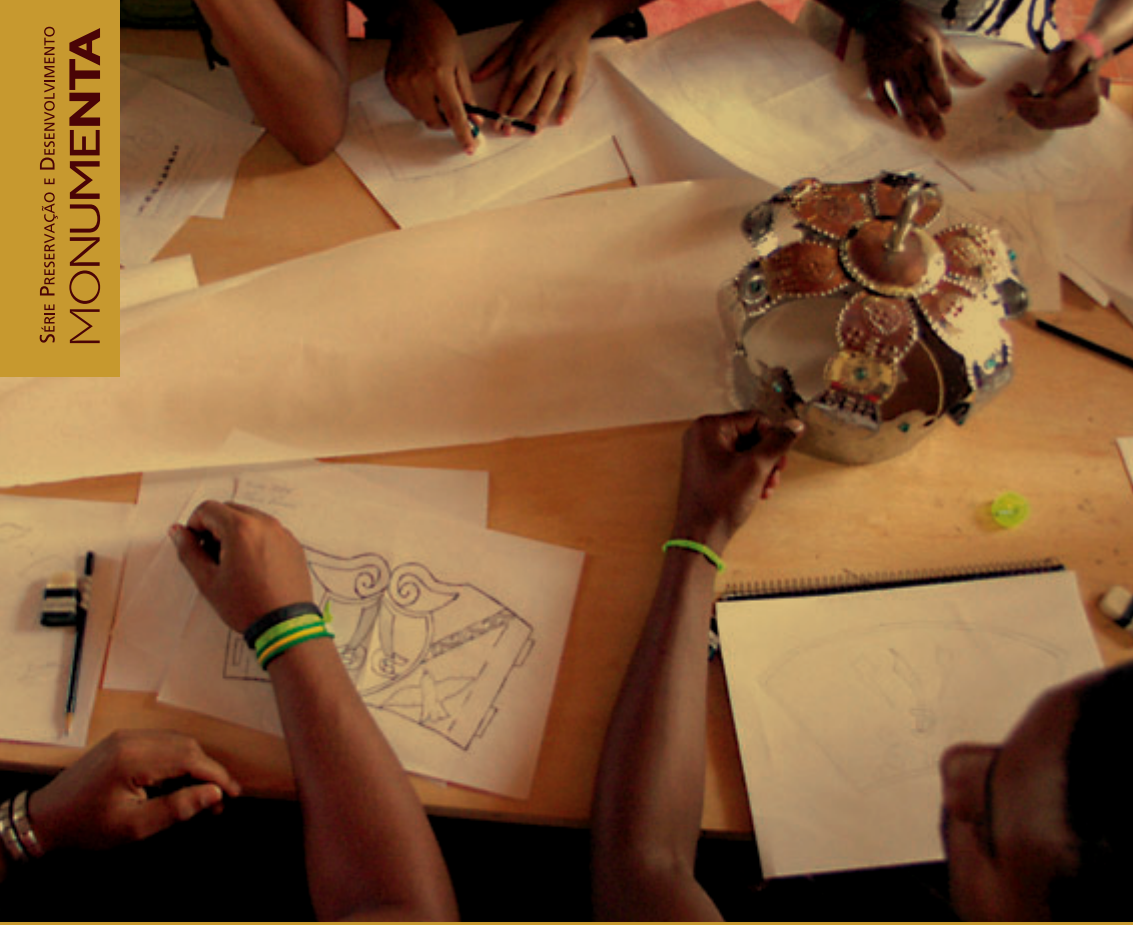
Série Preservação e Desenvolvimento
MONUMENTA



CASA DOS OBJETOS MÁGICOS

SALVADOR-BA | 5

Série Preservação e Desenvolvimento
MONUMENTA

CASA DOS OBJETOS MÁGICOS

SALVADOR-BA | 5

Créditos

Presidente da República do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro de Estado da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Luiz Fernando de Almeida

Coordenação editorial
Sylvia Maria Braga

Edição
Caroline Soudant

Redação e Pesquisa
Rogério Furtado

Revisão e preparação
Denise Costa Felipe

Design gráfico
Cristiane Dias

Fotos
Arquivo do Monumenta /UEP

C334 Casa dos objetos mágicos: Salvador - Bahia. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2007.
72 p.: il.; 15 cm.
(Preservação e Desenvolvimento; 5)

ISBN – 978-85-7334-050-1

1. Educação Patrimonial. 2. Artesanato. 3. Patrimônio Cultural. 4. Candomblé – Ornamentos Sagrados. 5. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Série.

CDD – 370.11

CASA DOS OBJETOS MÁGICOS

SALVADOR-BA | 5



Apresentação

Este pequeno livro pertence à série Preservação e Desenvolvimento, uma coleção de registro das experiências desenvolvidas pelo Programa Monumenta na área da promoção de atividades econômicas, de educação patrimonial, de formação profissional e de capacitação.

Na qualidade de programa do Ministério da Cultura para a recuperação sustentável do patrimônio histórico brasileiro, o Monumenta se propõe a atacar as causas da degradação de sítios históricos e conjuntos urbanos tombados e a elevar a qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Assim, muitas das ações propostas no âmbito do Programa, com apoio de estados e municípios, vêm permitindo a essas comunidades descobrir o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira, como meio, portanto, de inclusão social.

Esse novo conceito de preservação transformou alguns dos sítios beneficiados em pólos de atividades culturais, turísticas e de geração de empregos, garantindo ao mesmo tempo a conservação sustentada de nosso patrimônio e melhores condições de vida para quem trabalha ou vive ali.

É uma dessas experiências que você vai conhecer agora.



Introdução

Salvador, na Bahia, é dona de várias fortificações, herdadas do período colonial. Uma delas, o Forte do Barbalho, monumento histórico que data da primeira metade do século 17. Salvador também é a terra do candomblé e de seus orixás. Essas entidades do culto afro-brasileiro puderam "ocupar" a velha fortaleza do Barbalho entre março e novembro de 2006, graças ao Programa Monumenta, que patrocinou a instalação da Casa dos Objetos Mágicos em um de seus pavilhões. Foi um curso de arte-educação, destinado a ensinar jovens a fabricar grande variedade de ornamentos sagrados dos rituais do candomblé, conhecidos como ferramentas dos orixás. A iniciativa tinha dois objetivos, alcançados em sua plenitude. De um lado, fez renascer, com força, uma antiga tradição: a produção das ferramentas por artesãos estreitamente vinculados ao culto. A tradição esteve ameaçada nos últimos anos, na medida em que os mestres artífices mais velhos foram desaparecendo, e outras pessoas ocuparam seu lugar, com uma produção em série, distanciada do universo simbólico original. De outro lado, ao formar novos artesãos, a Casa dos Objetos Mágicos lhes garantiu uma ocupação remunerada, e a possibilidade de desenvolver seus dotes artísticos.



O interesse pelos objetos de culto do candomblé é imenso. Embora não seja possível dimensionar o tamanho do mercado, sabe-se que, somente na Bahia, há milhares de terreiros, freqüentados por inúmeros seguidores da religião, que costumam comprar as ferramentas para ofertá-las a seus orixás. Além disso, o candomblé vem se expandindo pelo resto do Brasil e nos países vizinhos. Por fim, nos últimos anos ficou claro que existe a possibilidade concreta de exportação de ferramentas para os Estados Unidos, um enorme território da santeria – religião de origem africana que se desenvolveu no Novo Mundo. Ao final de novembro de 2006, a Casa dos Objetos Mágicos encerrou o curso com a diplomação de 19 alunos. E o Monumenta via, com satisfação, em princípios de 2007, que um grupo deles já se orientava para a fundação de uma cooperativa – uma forma segura de organizar a produção e desenvolver os negócios. Assim, o Programa também alcançou seus objetivos institucionais: o de resgatar e preservar um item importantíssimo do patrimônio cultural da sociedade brasileira – a arte de fabricar as ferramentas de orixás –, com geração de renda.

Luiz Fernando de Almeida
Coordenador Nacional do Programa Monumenta
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional



Fortaleza dos orixás



Fortaleza dos orixás

Construído na primeira metade do século 17, o Forte do Barbalho, um monumento de Salvador, Bahia, completará quatro séculos de história em poucas décadas. Nesse período, fora os usos militares, várias vezes serviu de hospital e prisão. Inclusive após o golpe de 1964, quando foi centro de encarceramento e de tortura de presos políticos. Agora a velha fortificação começa a dar lugar a ocupações dignas, que prenunciam sua transformação definitiva em centro cultural. A primeira delas ocorreu entre fins de março e novembro de 2006, quando o Barbalho tornou-se uma verdadeira fortaleza dos orixás, pois ali se realizou o projeto **Casa dos Objetos Mágicos**. Um curso de arte-educação destinado a ensinar jovens a fabricar espelhos, pulseiras, escudos, espadas, chapéus e coroas – dentre outros ornamentos sagrados dos rituais do candomblé –, as chamadas ferramentas dos orixás.

Anos atrás, esses objetos eram produzidos apenas nas comunidades negras, por artesãos que observavam as normas e ensinamentos religiosos afro-brasileiros. Porém, com o tempo, os mestres famosos desapareceram. Outras pessoas ocuparam seu lugar, nem sempre tendo vínculos com o candomblé. Em geral, hoje a produção é feita em série, distanciada do universo simbólico original. Por isso, o resgate da tradição era um dos objetivos dos formuladores do projeto. Em outra vertente, esperava-se que a formação dos


OBJETOS
MÁGICOS
curso de confecção
de objetos sagrados
do candomblé

aprendizes lhes garantisse uma profissão, e que também lhes desse uma possibilidade de desenvolver suas potencialidades artísticas. Os resultados alcançados superaram as expectativas, como se verá mais adiante.

A Casa dos Objetos Mágicos teve o patrocínio do **Programa Monumenta**, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento, e apoio técnico da Unesco. O Monumenta é dedicado à restauração e conservação do patrimônio histórico brasileiro – núcleos históricos, monumentos arquitetônicos e manifestações culturais de várias regiões do país –, com a colaboração de entidades locais. Nesse projeto, em Salvador, o Programa investiu 70% dos recursos necessários. Os restantes 30% corresponderam à contrapartida oferecida pela proponente, no caso a Maianga Produções Culturais Ltda.

Após a aprovação do projeto em edital público, seguiram-se os preparativos para o início do curso. Embora houvesse vários locais disponíveis para sediá-lo em Salvador, optou-se pelo Forte do Barbalho, tombado pelo IPHAN desde 1957, que se encontrava desativado. Uma de suas dependências, bem adequada para a montagem da oficina, foi cedida ao projeto pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia. Pouco depois, outros espaços do monumento seriam ocupados pela própria Secretaria e por dois grupos de



capoeira. Convém lembrar que uma das metas do Programa Monumenta é fazer com que os conjuntos tombados pelo Patrimônio Histórico sejam utilizados de diversas formas pelas comunidades onde se encontram, inclusive para a geração de renda, principalmente enquanto pontos de atração turística. Dessa forma, as comunidades aprendem a valorizá-los e a preservá-los.

Com o local definido, começou uma ampla divulgação do projeto, por meio de diversas instituições públicas e privadas, organizações não-



governamentais e de muitos terreiros de candomblé. Embora nunca tenha havido discriminação, a preferência era por candidatos engajados em movimentos e atividades relacionadas à manutenção da herança africana na Bahia. De fato, a maioria dos inscritos compunha-se de adeptos do candomblé. Para a inscrição, os candidatos deveriam ter entre 18 e 21 anos e apresentar certificado de conclusão do ensino fundamental. Mas houve certa flexibilidade para que se admitissem pessoas fora da faixa etária estipulada, além de outras que estavam prestes a concluir a oitava série.






PROJETO
CASA DOS
ObJETOS
MÁGICOS

Casa inaugurada


PROJETO
CASA DOS
OBJETOS
MÁGICOS

Casa inaugurada

A Casa dos Objetos Mágicos abriu suas portas em 29 de março de 2006, para 30 alunos selecionados entre os 83 inscritos. A equipe do projeto – os artistas plásticos Eneida Sanches e Gilmar Tavares, mais a educadora Nádya Cruz – lhes deu boas-vindas, acompanhados por Valdina Pinto, que é makota do Terreiro Tanuri Junçara, de Salvador (Makota é uma posição na hierarquia do candomblé.). Makota Valdina, educadora e líder comunitária destacada, estimulou a turma a refletir sobre a importância da preservação dos variados aspectos do legado africano, tão relevante para o Brasil e para a população baiana, em particular.

Além das aulas práticas e expositivas, durante o curso houve várias palestras de especialistas convidados. A primeira, sobre a presença iorubá na diáspora africana, foi proferida por Daniel Dawson, um nova-iorquino com vasto currículo de estudos de artes, cinema e religião africana. Dawson, que ocupa cargos importantes em três instituições estadunidenses dedicadas à cultura negra, esteve na Casa dos Objetos Mágicos acompanhado por um grupo de concidadãos. Alguns deles, sacerdotes da santeria – o equivalente do candomblé nos EUA –, vieram à Bahia pesquisar os frutos da herança africana. Na condição de religiosos, poderão se tornar futuros clientes dos artesãos formados pela Casa.


Ordep Serra
28/07/2006

Ritos e artes no candomblé foi a palestra de Ordep Serra, doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e chefe do Departamento de Antropologia da Universidade da Bahia, que esteve à frente do Projeto Egbé, entre 1997 e 2003, em defesa da preservação dos terreiros de candomblé em Salvador. Ordep é autor de vários livros relacionados à temática dos ritos afro-brasileiros. Dentre eles *Águas do Rei*, *Dois estudos afro-brasileiros* e *O mundo das folhas*. Além de acadêmico, Ordep Serra é ogã do Terreiro da Casa Branca, com larga vivência nos rituais do candomblé. Na Casa dos Objetos Mágicos, o professor situou a construção das ferramentas, que já estavam sendo produzidas pelos alunos, no contexto das antigas civilizações africanas.

Mais adiante, o professor Jaime Sodré esteve na Casa dos Objetos Mágicos para falar sobre *A criatividade africana*. Jaime Sodré é escritor, historiador, poeta e artista plástico, graduado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, onde também fez mestrado em Teoria e História da Arte. Outra palestra – *Barroco na Bahia* – ficou a cargo do antropólogo Raul Lody. Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Raul Lody é curador da Fundação Gilberto Freyre, em Recife, e da Fundação Pierre Verger, em Salvador.



A Casa dos Objetos Mágicos recebeu ainda o escritor angolano José Eduardo Agualusa para uma palestra cujo título foi *Panorama histórico dos laços de irmandade entre Brasil e Angola*. Na ocasião, o escritor falou sobre Angola na atualidade, e sobre a contribuição do país para o Brasil, ainda que essa influência cultural seja pouco conhecida pela maioria dos brasileiros. Agualusa se tornou conhecido no Brasil após sua participação na Festa Literária Internacional de Paraty, em 2004.

Guiados pelos professores, durante o curso os jovens também compareceram a mostras e eventos importantes. Como por ocasião da Segunda Conferência de Intelectuais Africanos e da Diáspora, quando estiveram nos estandes de países africanos e visitaram exposições na Praça da Sé, centro histórico de Salvador. Em 30 Anos de Blocos Afro, viram imagens e textos que contavam a história do surgimento dos blocos afro no carnaval. Por sua vez, a mostra Negros: Passado e Presente lhes deu imagens da presença dos negros organizados não só no carnaval, nas rodas de samba, ou como trabalhadores informais, mas como sujeitos que participam da construção histórica do Brasil.

Em outra visita, os alunos aprenderam sobre a trajetória do Museu Afro-Brasileiro e examinaram o acervo da instituição, composto de objetos da cultura material de origem ou inspiração africana, representativos da vida cotidiana, dos processos tecnológicos, do sistema de crenças, das manifestações artísticas e da tradição oral na África. São esculturas, máscaras, tecidos, cerâmicas, adornos, instrumentos musicais, jogos e tapeçarias provenientes do continente africano. Há também objetos produzidos no Brasil, relacionados à religião afro-brasileira na Bahia, suas divindades e sacerdotes: representações iconográficas e adornos dos

principais orixás; roupas de mães e de pais-de-santo de alguns terreiros de Salvador. Ali os alunos tiveram acesso a ferramentas antigas, observando diferenças de material e formas de execução.

Das atividades externas também constou uma visita ao terreiro Ilê Axé Opô Afonjá. Fundada em 1910, essa casa de candomblé foi comandada por várias ialorixás, imortalizadas nas obras do escritor Jorge Amado. Recém-tombado pelo IPHAN, atualmente o Afonjá é liderado por Mãe Stella de Oxóssi, considerada a ialorixá mais politizada da Bahia: ela lançou, em 1983, uma campanha contra o sincretismo religioso. Hoje, luta para manter firme a estrutura do candomblé e suas tradições orais e escritas. No museu do Afonjá, os alunos ouviram a história do terreiro e também puderam ver ferramentas produzidas por artesãos do passado, além de objetos que pertenceram às antigas líderes da casa.











A arte no metal



A arte no metal

No forte do Barbalho, a formação teórica dos aprendizes se completou com aulas de introdução ao candomblé, além de exposições sobre o conceito de nações orixás, com a descrição dessas entidades e da simbologia das ferramentas. No começo de abril de 2006 iniciaram-se as atividades práticas. Algumas das ferramentas de orixás são feitas de matérias-primas de origem orgânica, palha ou tecido, por exemplo. Mas a maioria é metálica, construída a partir de chapas de cobre e latão. Para fabricá-las, saber desenhar é essencial.

Isso porque, primeiro, croquis dos objetos produzidos são desenhados em papel manteiga. Em seguida, com o papel manteiga sobreposto a uma folha de carbono, transferem-se as imagens para as chapas metálicas. Um lápis basta para percorrer as linhas do esboço e alcançar o efeito desejado. O próximo passo consiste em martelar o metal com o auxílio de punções, de forma a deixar o desenho gravado na superfície das chapas. No processo de seleção ficou evidente que, salvo algumas exceções, os alunos teriam de progredir muito na arte de desenhar. Assim, as primeiras atividades práticas do curso foram aulas de desenho criativo, para que aperfeiçoassem a técnica do desenho livre. Em geral, a turma avançou de maneira notável nesse item.



Ainda na etapa inicial, os alunos aprenderam a fabricar alguns dos instrumentos de trabalho, partindo em seguida para a confecção das ferramentas mais simples de orixás. Depois de marcadas no metal, as peças são destacadas das chapas, com tesouras ou serras, recebendo polimento. Uma coroa, por exemplo, é um objeto mais complexo, composto de várias partes.



A montagem requer o emprego de solda, processo que exige paciência. A liga para soldar, antes de ser derretida com maçarico a gás, é cortada em pequenos pedaços, que devem ser reduzidos a filamentos, por meio de um constante martelar. Os alunos mais adiantados aprenderam a técnica já no final de julho. Àquela altura, poucos meses depois da abertura da Casa dos





Objetos Mágicos, alguns dos aprendizes já estavam produzindo ferramentas de qualidade excelente, em termos de concepção e execução.

Esses resultados certamente refletiram a metodologia correta, adotada no curso, que também se mostrou eficiente no sentido de criar um espaço harmonioso, de amizade e cooperação entre alunos e mestres. Já nos primeiros dias de aula houve vários exercícios de integração, baseados em dinâmicas de grupo, importantes para despertar nos alunos o sentimento de confiança em relação aos professores, e lhes permitir o desenvolvimento técnico. Durante o curso também se realizaram vários "círculos de diálogo", oportunidade para



que todos expusessem seus anseios e queixas de forma aberta e corajosa. Foram feitas ainda avaliações por escrito do desempenho individual de aprendizes e mestres, e dos aspectos positivos e negativos do projeto.

O ambiente favorável ao aprendizado revelou, sobretudo, a qualificação dos professores e seus vínculos com a cultura do candomblé – algo que também caracterizava o perfil de grande parte dos aprendizes. Alana de Carvalho, por exemplo, conta que sua mãe entrou em trabalho de parto durante uma festa de Oxóssi, em um terreiro de Salvador, e que ela por pouco não nasceu ali, numa noite de abril de 1981.

O nome Casa dos Objetos Mágicos chamou sua atenção, e, quando soube que se tratava de objetos de culto da religião que pratica, o apelo tornou-se irresistível. Mas outros motivos também influenciaram sua decisão de fazer o curso. Primeiro, o desejo de preservar a tradição e a possibilidade de fazer ferramentas para sua comunidade. E, depois, ganhar a vida com isso. Alana mergulhou no curso com dedicação exemplar, como Jailton de Almeida e Iracema Neves Silva – os três fizeram parte de um grupo que se destacou pela assiduidade.

Jailton, que também afirma ter sérios compromissos com o candomblé desde a infância, comemorou sua primeira encomenda em princípios de novembro.



Membros da comunidade que freqüenta, influenciados por fotos de objetos confeccionados por Gilmar Tavares, concluíram que já era hora de fazer encomendas a Jailton. E lhe pediram para produzir um conjunto completo de ferramentas. Para ele, que chegou à Casa dos Objetos Mágicos desconhecendo por completo as técnicas de desenho e de trabalho com os metais, a caminhada foi altamente compensadora. Jailton também valoriza as informações recebidas sobre a cultura afro-brasileira ao longo do curso, assim como o desenvolvimento do senso crítico que alcançou, estimulado pelos professores.

Ao contrário dos colegas, Iracema Neves só descobriu o candomblé por volta dos 18 anos: vem de uma família em que predominam os evangélicos. Logo se deu conta da importância da cultura de seus ancestrais africanos, e sentiu-se atraída pelos objetos do culto. Mas chegou à Casa dos Objetos Mágicos por acaso. Como funcionária do Gapa – Grupo de Apoio e Prevenção à Aids – da Bahia, participava de uma exposição sobre o tema num centro de compras local, cuidando de um estande. Ali se encontrou com Gilmar Tavares. Conversaram, e ela terminou convidada para participar da seleção para o curso, inscrevendo-se na última hora. Embora soubesse apenas "cortar papel", não teve maiores dificuldades no aprendizado.

E estava entre os 19 alunos que festejaram a entrega dos diplomas em novembro, quando a Casa dos Objetos Mágicos encerrou suas atividades educativas com duas exposições. Uma na Casa do Benin, de 17 a 24 daquele mês. A outra integrou a programação do VII Mercado Cultural, de 29 de novembro a 4 de dezembro de 2006. Na Casa do Benin, os grupos de ferramentas de cada aluno foram dispostos sobre uma mesa em forma de "U", que permitia aos visitantes observar os objetos de perto. Cada conjunto de ferramentas trazia o nome do aluno-artesão responsável, além de seu telefone e endereço. Para a satisfação de todos, muitos visitantes anotaram esses dados. Espera-se que venham a fazer encomendas.





















PROJETO
CASA DOS
OBJETOS
MÁGICOS

Mágica do encontro



Mágica do encontro

A história da Casa dos Objetos Mágicos não pode ser entendida fora do contexto da vida de seus arquitetos e construtores, envolvidos no projeto com maior ou menor grau de religiosidade, mas sempre ligados à cultura popular e às tradições afro-brasileiras na Bahia. Essas motivações, principalmente as de natureza ética, reuniram as pessoas certas e garantiram sucesso ao empreendimento. O artista plástico Gilmar Tavares lançou a pedra fundamental do projeto, após décadas de iniciação no candomblé. Religioso, desde a infância freqüentou um terreiro, em companhia de uma das avós. Mais que isso: com dez, doze anos, fazia alguns adereços para ela, de materiais não-metálicos. Anos depois, adulto, Gilmar se tornou um ogã no candomblé, encarregado de cantar e tocar tambores rituais nos cultos.

Hoje ele vive da produção de ferramentas de orixás, para cerimônias religiosas ou como peças de decoração. O despertar para a futura profissão ocorreu quando examinava uma das ferramentas da avó, indagando a seus botões: "Como será que se faz isso?" Não tardaria a descobrir. Pouco depois, ao caminhar pelas ruas, viu placas de metal adequadas no comércio e comprou uma, por impulso, deixando na loja metade do salário de bancário. Em casa, de forma acidental, derrubou uma pedra sobre a placa, que ficou



marcada: "Então é assim!" A partir desse incidente, passou a fabricar seus instrumentos de trabalho, com sucata encontrada em qualquer lugar – pregos e pedaços de ferro ou de aço. Cortava um prego e, com uma lima, deixava a ponta com o desenho de meia-lua, por exemplo. Em outro, esculpia o formato de uma folha. Sucessivas pancadas num instrumento como esse imprimem uma flor na chapa metálica. E assim por diante.

Mas não sabia desenhar. Seu pai-pequeno (uma espécie de "padrinho", no candomblé) desenhava para ele os detalhes a serem impressos nas ferramentas dos santos. Gilmar aplicava o desenho sobre as chapas e batia para reproduzir as imagens. Isso durou até que o pai-pequeno abrisse mão da tarefa, e ele descobrisse que também era um bom desenhista, intuitivo. Para se aperfeiçoar na técnica, procurou seu Mimito e seu Mário Proença, dois famosos artesãos, já falecidos, produtores de objetos de culto do candomblé. Mário Proença, muito reticente, se negou a lhe dar informações. De seu Mimito recebeu orientação e um instrumento de aço forjado, que é guardado ciosamente até hoje, assim como a pedra com que marcou a primeira chapa de metal.

Ainda como bancário, em 1989, foi visitado por Eneida Sanches, então namorada de seu irmão, Gilberto. Ela, encantada com as ferramentas, virou sua aluna e, até onde se sabe, a primeira mulher a fabricar tais objetos de

culto na Bahia. Gilmar dificilmente encontraria outra discípula tão apta e aplicada. Na infância, matriculada numa escola de arte para crianças, Eneida teve entre outros cursos, aulas de pintura, escultura, capoeira e dança moderna.



Na adolescência, demonstrou "perigosa" inclinação para as artes visuais. Explica-se: os tempos de ditadura foram duríssimos para muitos artistas, e seus pais temiam que ela se "desviasse". Como desenhava muito bem, foi estimulada a estudar arquitetura. Comportada, no início Eneida freqüentou a Universidade Federal da Bahia. Mas não demorou para ficar inquieta. Então, fechou a matrícula na universidade e, com o dinheiro da venda de um carrinho, viajou pelos EUA e pela Europa, em 1982/83, onde trabalhou e visitou centros de arte e arquitetura, contando com a ajuda esporádica da família.



De volta ao Brasil, recebeu o ultimato: ou concluía arquitetura ou teria de pagar suas contas. Eneida escolheu ambas as alternativas. Voltou para a faculdade e montou escritório de arquitetura com duas amigas, terminando o curso nove anos após a matrícula. Então conheceu o futuro marido, e Gilmar. Fascinada pelos metais e instrumentos de trabalho, despediu-se do escritório da noite para o dia. A súbita mudança de rumos assustou a família, mas dessa vez não houve retorno. Eneida passou a ler sobre o candomblé e a entrevistar mães-de-santo e adeptos do culto. Logo começou a receber encomendas e a fazer ferramentas. Completava a renda como intérprete de português e inglês. Em 1992, fazendo tradução simultânea numa conferência, recebeu um grupo de afro-descendentes, vindos dos EUA, interessados em conhecer a Bahia e a herança religiosa de raízes africanas.

Os visitantes ficaram impressionados com as ferramentas que fabricava e a estimularam a expor uma coleção no Centro de Cultura Caribenha, em Nova York, uma instituição que promove cursos, palestras e outros eventos relacionados com a cultura negra. Ali, Eneida vendeu imediatamente 32 peças, e inaugurou um ciclo de repetidas viagens aos EUA, onde daria palestras e apresentaria suas criações, convidada por galerias, museus e outras instituições. Depois enveredaria pelo território das gravuras, sempre com a simbologia dos orixás. E tem feito muitos outros experimentos no campo das artes plásticas.

Nesse intervalo, Gilmar também se profissionalizou, realizou exposições, viajou ao estrangeiro e vendeu coleções de ferramentas para museus. A primeira foi despachada para o Museu de Antropologia de Frankfurt, Alemanha, onde ilustrou a capa do catálogo da exposição de 1997. Seguiram-se outras vendas, para diversos países, inclusive os EUA. Àquela altura, o projeto que viria a ser a Casa dos Objetos Mágicos começava a apresentar alguns contornos. Gilmar propôs a Eneida a criação de uma escola, com o objetivo de ensinar suas técnicas a alguns jovens e garantir a sobrevivência das tradições. Queria fazer algo que lhe desse prazer no ambiente do candomblé e, ao mesmo tempo, servir aos orixás. Tudo com um pé na realidade: se fosse possível, gostaria também de ganhar algum dinheiro com a escola.

Como o candomblé utiliza grande variedade de objetos – alguidares, moringas, gamelas entalhadas, trançados de fibras –, Eneida lhe propôs também a organização de cursos de cerâmica e entalhe em madeira, dentre outros. A idéia não prosperou. O pai de Gilmar adoeceu e exigiu a atenção de todos durante dois anos, até morrer. Pouco depois, a educadora Nádya Cruz entraria em cena, convidada por Eneida. E o projeto, bem estruturado do ponto de vista da educação para a cidadania, finalmente ganharia consistência, em fins de 2001.

Isso porque uma turista estadunidense, em viagem à Bahia, propôs a Eneida e a Gilmar que produzissem ferramentas de santos, que ela pretendia vender em uma loja que estava abrindo nos EUA. Eneida desconversou. Já não fazia as ferramentas dos orixás, e a perspectiva de fabricar objetos em série lhe pareceu insuportável. Gilmar também não estaria disposto a atender o pedido. Recebe encomendas, mas procura personalizar a produção de acordo com a liturgia do candomblé: cada adepto do culto tem seus orixás, numa relação complexa onde cada um deles precisa ser satisfeito.

A visitante então sugeriu que treinassem aprendizes, que mais tarde poderiam se encarregar da produção das ferramentas. Como trabalhava para uma poderosa fundação que apóia ações culturais em vários países, se



propôs a ajudá-los a levantar recursos. Então Nádya Cruz e Eneida formataram o projeto, com ajuda de Verônica Aquino, produtora cultural. Nádya é dona de currículo apreciável. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia, fez especialização em Educação estética, semiótica e cultura. Depois dedicou-se à psicanálise, após acumular anos e anos de atividades teatrais, de dança e capoeira, com participações no Grupo de Capoeira Angola Pelourinho e na Fundação Internacional de Capoeira Angola. Mas foi do Projeto Axé que trouxe uma experiência realmente marcante.

Como ser recorda, o Axé, fundado em Salvador pelo italiano Cesare de Florio La Rocca, no princípio dos anos 90, é uma das ONGs mais famosas do país. Seu trabalho com crianças e adolescentes excluídos também lhe deu reconhecimento internacional. Nádya Cruz participou da ONG durante anos, primeiro como educadora de rua. Depois, assumiu outras funções no Axé. Até que resolveu sair, considerando sua formação e o desejo de criar um projeto social próprio. Também queria mudar de ares, ter tempo para estudar e viajar. A vontade de deixar o Axé estava madura, mas ela ainda não sabia exatamente o que fazer, até que Eneida lhe apresentasse a idéia da escola, que então já tinha a promessa de apoio externo.

Nádya trouxe Verônica Aquino, que as ajudou a rematar o projeto. Verônica, formada em Análise de Sistemas, trabalhou numa estatal baiana até 1997, quando decidiu mudar de vida, dado seu interesse por música, literatura, cinema e artes plásticas. Para atuar na área cultural, fez pós-graduação em Política, gestão e produção cultural na Universidade Federal da Bahia. Desligada da estatal, ingressou numa produtora, responsável por grandes eventos culturais na Bahia. Participou da formulação da Casa dos Objetos Mágicos porque Nádya e Eneida precisavam de alguém capaz de coordenar todo o projeto: sonhavam com alguns desdobramentos possíveis da iniciativa, como um grande evento que reunisse várias linguagens artísticas, e que fosse também um fórum de discussão das questões relacionadas à herança africana.



Com tudo pronto, Eneida e Nádya embarcaram para os EUA, levando os planos do empreendimento. Porém, a



mulher que lhes havia acenado com a possibilidade de financiamento não cumpriu a promessa. A equipe se dispersou. E a Casa dos Objetos Mágicos continuou "encantada" por mais algum tempo, embora nunca esquecida. Assim, em 2005, Verônica, já como funcionária da Maianga Produções Culturais, soube do edital do Programa Monumenta para a seleção de projetos de interesse cultural, vinculados ao patrimônio histórico. E se lembrou da Casa dos Objetos Mágicos. Então apresentou o projeto à direção da empresa, que resolveu apoiá-lo imediatamente, pois os objetivos da Casa estavam afinados com a produção da Maianga, que desenvolve várias iniciativas no sentido de criar uma ponte cultural entre o Brasil e a África. Verônica comunicou a novidade às amigas. Com as adequações necessárias, o projeto foi submetido ao crivo do Monumenta e obteve boa classificação entre dezenas de outros, de natureza semelhante. Logo sairia do papel.








Mercado à vista



Mercado à vista

Ao deixar o Forte do Barbalho em fins de 2006, a equipe de professores fechou o balanço das atividades da Casa dos Objetos Mágicos com um saldo que considera altamente positivo, ainda que tenha havido onze desistências ao longo do curso. Apenas um dos aprendizes, que era católico, alegou incompatibilidade religiosa para abandonar as aulas. Alguns deles se desinteressaram, e os demais se afastaram por outras razões. Mesmo assim, terminar com 19 alunos foi uma vitória para Eneida Sanches: o número de formandos superou suas expectativas.

Ela e Gilmar Tavares também se declaram maravilhados com os progressos feitos por vários dos jovens artesãos. Não fossem as entrevistas e testes que antecederam as aulas, assim como o desempenho inicial da turma, tenderiam a pensar que esses alunos já conheciam as técnicas de produção das ferramentas. "Avançar ao mesmo tempo em matéria de técnica e estética é muito difícil. Reunir a construção imagética da ferramenta e fazer com que ela fique harmoniosa, com boa técnica, é demais! Fiquei impressionada".

Ao mesmo tempo, os professores sabem que alguns dos novos artesãos provavelmente buscarão caminhos alternativos no universo das artes.



Isso eles já deixaram claro. Mas levarão consigo uma experiência enriquecedora, conhecimentos da cultura negra sedimentados, e padrões estéticos mais refinados, conforme avalia Nádya Cruz. Para os demais formandos, fica a possibilidade de retorno às próprias comunidades, ou de uma abertura para o mundo – o que seria muito mais compensador. O mercado existe, e é imenso. A começar pela Bahia, onde há milhares de terreiros.

E os praticantes do candomblé formam uma categoria de compradores que apresenta uma peculiaridade interessante: costuma comprar novas ferramentas para os orixás, embora elas sejam praticamente indestrutíveis. Isso porque, feitas de metal e uma vez consagradas, ficam protegidas no local onde se encontra o assentamento do orixá (o assentamento é onde está a energia do orixá – em geral no próprio terreiro de candomblé). Porém, para



agradá-lo, o iniciado pode oferecer-lhe um novo conjunto de adereços. Se esses objetos forem bem feitos, de acordo com as tradições, trazendo em si o estilo característico de cada artesão, serão ainda mais valorizados.

Mas isso não é tudo. As religiões de origem africana expandem-se com rapidez pelo Brasil, e estão conquistando grande número de adeptos nos países vizinhos. O próprio Gilmar Tavares se viu arrastado por esse movimento. Ao realizar uma exposição em Curitiba, conheceu uma ialorixá que estava abrindo uma casa de candomblé, com numerosos adeptos. Mas o pessoal não sabia cantar, dançar e tocar os instrumentos do culto. Gilmar acabou contratado para ensiná-los. E a curta estada de um mês no Paraná, que havia planejado, estendeu-se por quatro anos.

Também cresce vigorosamente o turismo cultural na Bahia. Merece destaque



o fluxo de turistas estadunidenses, descendentes de africanos, que vêm a Salvador em busca de suas raízes negras. Turistas compram ferramentas, mesmo que as procurem apenas como suvenires. As perspectivas são ainda mais alentadoras quando se considera a existência de grande número de compradores em potencial nos EUA, território da santeria, religião semelhante ao candomblé, que se desenvolveu a partir de Cuba. Portanto, a questão do mercado não é problema que possa tirar o sono de qualquer pessoa envolvida com a produção dos objetos de culto.

Até porque as ferramentas de orixás não custam propriamente uma fortuna, levando-se em conta o tempo e os materiais despendidos na produção. Na Casa dos Objetos Mágicos, os mestres fizeram uma tabela de preços mínimos para auxiliar os alunos. Sugeriram que cobrassem 12 reais por uma das pulseiras mais simples. E de 100 a 120 reais por uma coroa das mais complexas (para Xangô ou Oxalá, por exemplo), que exige do jovem artesão pelo menos uma semana de trabalho – um período que só poderá ser encurtado para dois a três dias com a prática constante do ofício.

Após a diplomação, dois alunos encontraram colocação imediata. Jadson dos Santos foi trabalhar no ateliê de Eneida Sanches, enquanto Gilmar Tavares contratava Luciano Rosário Santos. Eneida, preocupada com os demais, não



baixou a guarda, procurando alternativas para ajudá-los a dar o passo essencial, da fase de aprendizado para o exercício da profissão.

O associativismo lhe pareceu a melhor saída. Então procurou o Centro de Educação Ambiental e Protagonismo Juvenil Pangea, uma ONG fundada há 20 anos, em Salvador.

O Centro de Educação Ambiental atua em diversas áreas, já tendo formadas duas cooperativas para jovens. E mostrou-se interessado em integrar os alunos da Casa dos Objetos Mágicos em uma nova entidade associativa. De acordo com Rachel Marchi, gerente do centro, o novo projeto se encaixa com perfeição nos objetivos da ONG que, nessa vertente cooperativista, se dedica a apoiar afro-descendentes que vivem em comunidades carentes. Depois, o Centro Pangea recebeu de diversas pessoas informações muito positivas sobre a qualidade das ferramentas feitas pelos artesãos recém-formados. E sabe que não haverá dificuldades para colocar a produção.

O Centro pode acomodar até 15 alunos. E se dispõe a auxiliá-los na organização e supervisão da cooperativa. Eneida está satisfeita. Sabe que se os antigos alunos tentassem fundar uma entidade assim, sem orientação, encontrariam enormes dificuldades. Não apenas por causa da burocracia, mas também pela inexperiência dos jovens em gerenciar qualquer tipo de negócio. Os acertos preliminares estão prontos. Agora só falta reunir os interessados e realizar mais um curso: o de formação em cooperativismo.


It's
Rock a
Roll

Projeto
Casa dos Objetos Mágicos

Financiador
Programa MONUMENTA / MinC

Realizador
Maianga Produções Culturais Ltda

Objetivo
Realizar oficinas culturais e pedagógicas para o desenvolvimento e a confecção de objetos usados nos rituais do Candomblé, estimulando o engajamento e profissionalização de jovens, por meio da promoção da cultura afro-descendente na Bahia.

Atividades
Oficinas teóricas sobre a cultura Yorubá e as origens do Candomblé – as nações e os orixás. Aulas de desenho. Oficinas práticas para aprendizagem de técnicas de punção e ciselamento em chapas de latão, de martelagem e soldagem.

Visitas guiadas à II Conferência de Intelectuais Africanos e da Diáspora, ao Museu Afro-Brasileiro e à casa de Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá.

Realização de documentário sobre o projeto, com depoimentos dos alunos e mostra dos objetos confeccionados por eles.

Valor

Monumenta	Contrapartida	TOTAL
R$ 103.781,75	R$ 45.330,00	R$ 149.111,75

Período de execução
01/02/2006 a 01/04/2007

Banco Interamericano
de Desenvolvimento

UNESCO

MONUMENTA

IPHAN 70 ANOS 1937 2007



Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



MONUMENTA
IPHAN 70 ANOS 1937 2007
IPHAN
Ministério da Cultura
BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL